

BLUMENAU EM CADERNOS



TOMO XXI — No. 10
Outubro de 1980

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de :

Artur Fouquet - Blumenau
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Distribuidora Clatarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXI

Outubro de 1980

Nº 10

S U M Á R I O

Página

VOCÊ SABIA?	282
HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU	285
ACONTECEU... Setembro de 1980	293
A HISTÓRIA DE BLUMENAU REVELA:	299
RESULTADO DO CONCURSO SOBRE ECOLOGIA	303
GUSTAVO KRIEGER	304
"CONTISTAS DE BLUMENAU"	305
REVELAÇÕES DO ARQUIVO HISTÓRICO DE BLUMENAU	307
FUNDAÇÃO DA "SANTA CASA"	309
SUBSÍDIOS HISTÓRICOS	311

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 120,00

Número avulso Cr\$ 10,00 -- Atrasado Cr\$ 20,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 120,00 mais o porte Cr\$ 130,00 total Cr\$ 250,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

CAPA — A fachada do Hospital Arquidiocesano, em 1936, criado com a instituição da "Santa Casa". (Texto à página 309).

Você Sabia?...

Frederico Kilian

● que os primeiros oficiais da Guarda Nacional nomeados para Blumenau em 1891 foram: Coronel de Brigada, Dr. José Bonifácio da Cunha; Capitães do Estado Maior: Pedro Christiano Feddersen, Otto Stutzer, Henrique Rischbieter, Agostinho Pereira, e, Tenente-Coronéis: Henrique Clasen, H. Probst, Augusto Keunecke, Francisco da Cunha Silveira; e, Majores: H. F. Schmidt, Luiz Altenburg e Frederico Donner?

*

● que no mês de Outubro de 1890, Gustavo Hermann Roeder fez funcionar uma máquina de sua invenção para desfibramento da ramie, apresentando-a perante os doutores Luiz Gualberto, de São Francisco, Euphrásio Cunha, de Campinas e José Bonifácio Cunha, Superintendente de Blumenau, demonstrando ser a mesma de suma eficiência, podendo lavar 4.000 pés de ramie, verdes ou secos, por hora, sem uso da água?

*

● que Pomerode, a simpática sede do município do mesmo nome, era conhecida, antigamente, por NOVA WESTFÁLIA e que em 1877, o Padre José Maria Jacobs, vigário de Blumenau, benzeu, de acordo com o ritual católico, o cemitério que fica junto à capela de São Ludgero, nessa localidade de Nova Westfália, denominação esta que foi desaparecendo, substituída pela do Rio do Testo, pela qual era conhecida toda a zona banhada pelo rio do mesmo nome?

*

● que na antiga Escola particular de Itoupava Seca, transformada mais tarde na atual Escola Básica Municipal "Machado de Assis", foi dirigida desde 13 de Janeiro de 1912, durante 25 anos consecutivos?

*

● que a 18 de junho de 1892 surgiu em Blumenau o primeiro número do jornal "O Município" e que este jornal não chegou a ser publicado além de 35 edições?

*

● que em 1892, os blumenauenses, em oposição ao governador Tte. Manoel Joaquim Machado, derrotou os candidatos impostos por este, por 1.174 votos contra apenas 94, votos obtidos pelo partido do governo?

*

* que a primeira farmácia estabelecida em Blumenau foi a de Francisco Keiner, em 1854?

● que a contribuição de Joinville para as forças nacionais, foi de 21 soldados, alistados como Voluntários da Pátria, incorporados na 9ª Brigada do Exército de Linha, partindo, na noite de 29 de Outubro de 1865, com destino aos campos da Guerra do Paraguai?

*

● que os Estatutos da Companhia de Navegação Fluvial a vapor Itajaí-Blumenau S.A. foram aprovados pelo Decreto Federal 6.989 de 10 de Agosto de 1878 e que a Sociedade fôra formada com o capital de 300 contos de réis, subdivididos em ações de 100 mil réis cada uma?

*

● que os seus primeiros diretores eleitos foram os senhores Carlos Guilherme Friedenreich, Hermann Wendeburg, Luiz Sachtleben, João H. Grewsmuehl e Carlos Meyer?

*

● que o primeiro agente do Correio de Indaial foi o farmacêutico Augusto Keunecke, Tenente-Coronel da Guarda Nacional, que veio a falecer com 70 anos de idade, a 5 de janeiro de 1906?

*

● que segundo jornais locais do ano de 1906, em Arapongas, município de Indaial, fora derrubado, para a ponte em construção no Rio dos Cedros, um araribá de nada menos que 105 palmos de altura (cca. 24 metros) de madeira aproveitável, medindo o primeiro de seus galhos 45 palmos?

*

● que em abril de 1906 foi inaugurada a linha telefônica para HansaHamônia (hoje Ibirama)?

*

● que a ponte de ferro sobre o rio Garcia, no centro da cidade, (ora substituída pela de concreto) foi inaugurada pelo então Governador do Estado, Cel. Pereira e Oliveira, no dia 3 de junho de 1906, às 3 horas da tarde, realizando-se grandes festividades durante os dias 2 e 5 de junho, em que o governador era hóspede da cidade?

*

● que o Dr. Flesch, laureado em Filosofia, de Muenster, Alemanha, que tinha um filho sacerdote franciscano, doou, em 1906, um órgão à matriz de Rodeio e, para montar o órgão, veio da Alemanha, o filho do doador, tendo este filho, Carlos Flesch, sido auxiliado na montagem, por seu irmão José Mara Flesch, o qual depois se estabeleceu aqui em Blumenau com gabinete dentário, à rua 15 de Novembro?

*

● que a 1º de Novembro de 1906, é inaugurada a sede da "União

de São José" (Casa São José como ficou conhecida) na rua 15 de Novembro, em frente ao Convento Franciscano, tendo sido demolida mais tarde, para dar lugar ao acesso à ponte Adolfo Konder?

*

● que em 1914, um grupo de escoteiros, fundado em 1912, alunos da "Escola Nova" de Blumenau, chefiados pelo professor Curt Boettner, seu fundador, fizeram uma excursão a pé, desta cidade até Florianópolis, fazendo o trajeto em três dias, sendo o primeiro até Brusque, o segundo até Porto do Moura, em Tijucas, o terceiro até Biguaçu, chegando no quarto pela manhã, a Florianópolis?

*

● que o primeiro automóvel que apareceu nas ruas de Blumenau a 24 de setembro de 1903, era de propriedade do Sr. Frederico Guilherme Busch Sr. que o adquirira na América do Norte?

*

● que o primeiro agente do Correio de Blumenau foi o Sr. Reinoldo Freygang que assumiu o exercício desse cargo em 16 de fevereiro de 1875, tendo sido a agência criada em Novembro do ano anterior e que tendo Freygang falecido poucos meses depois, foi substituído no cargo pelo Dr. Eberhard?

*

● que o primeiro barco a vapor a fazer o trajeto regular entre Blumenau e Itajaí, deve ter sido o pequeno navio adquirido pelo Sr. Eduardo Schadrack do Sr. Bruestlein de Joinville em agosto de 1971?

*

● e que este navio veio sem as máquinas que aqui foram repostas e o barco inaugurou as suas viagens regulares como rebocador de lanchas de carga, levando 5 horas rio abaixo de Blumenau a Itajaí e 10 horas rio acima desta cidade a de Blumenau?

*

● que o primeiro clube de futebol de Blumenau, constituído como tal, foi o "Blumenauense Futebol-Clube" que se formou na Sociedade de Ginástica (Turnverein Blumenau), que tomou depois o nome de "Sociedade Desportiva Blumenauense", constituída em 14 de agosto de 1919 e legalizada com o registro de seus estatutos em 19 de outubro de 1938?

*

● que quem trouxe as primeiras abelhas européias para Santa Catarina, foi o Dr. Blumenau, que em 1851 adquiriu num leilão no Rio de Janeiro, algumas caixas de abelhas, embarcando-as num navio a vela, para serem transportadas para Santa Catarina, trazendo-as para Blumenau, onde, em breve, reproduziam-se maravilhosamente a ponto de ter sido, em certa época, o nosso município um dos grandes produtores de mel no Brasil?

HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU E DO SEU FUNDADOR

Nemésio Heusi

(Continuação do nº anterior)

XIII

Durante pouco mais de dois meses, diariamente, eles exploraram toda a região e muitas vezes armaram pequenas barracas em alguns afluentes do "grande rio", como chamava o Dr. Blumenau, o Itajaí-Açu.

Para vencerem o primeiro salto, encontraram algumas dificuldades, em certos trechos. Hackradt explorava o curso de um afluente, enquanto o Dr. Blumenau e Ângelo, de outro. Até que chegaram, o Dr. Blumenau e Ângelo, a um pacífico e bonito curso d'água que muito impressionou o Dr. Blumenau, pela sua serena majestade.

Tão empolgado ficou o Dr. Blumenau, que resolveu passar alguns dias ali, namorando a natureza.

— Sr. Angelo, vamos armar a barraca aqui por alguns dias, preciso olhar e ver bem este maravilhoso local.

Quando voltou ao acampamento, falou deslumbrado com tudo o que vira, a Kackradt:

— Foram dias magníficos que passaram em longínqua solidão, até onde, antes de nós, não chegara o homem civilizado! Fantástico! Belo!

— Até pensei que o Dr. Querria mudar pralá!, — disse Ângelo, interrompendo a conversa.

No outro dia, subiram o curso do grande rio, até bem perto das montanhas alcantiladas e imponentes da Serra do Mar.

Ângelo recusava-se a prosseguir viagem. Era o medo da aproximação das terras dos índios. Ele conhecia o local, enquanto que o Dr. Blumenau e Hackradt, eram simples forasteiros. Discutiram, porém o guia acabou vencendo, depois de haver o Dr. Blumenau verificado que as terras ali próximas à serra não eram cultiváveis. Para acalmar os nervos à flor da pele do seu guia, resolveram voltar.

Na volta, o Dr. Blumenau, empolgado com a beleza do local, amante que era da natureza, olhava para os seus amigos entusiasmado:

— Vejam bem, meus amigos e companheiros de aventura, aqui paira a expressão de uma serenidade e majestade indescritíveis, um ar tépido e embalsamado e um maravilhoso firmamento azul. Que coisa estupenda!

Ângelo, que ouvia as palavras do Dr. Blumenau, dando cada vez mais

remadas vigorosas para se afastar das terras que, dizia, eram dos índios, acalmou-se com as palavras de tanta exaltação do seu chefe e amigo. Encostou a canoa numa margem calma, para o revezamento com Hackradt. Muito gostou do belo sobre o rio que ele tanto amava e que era o seu ganha-pão.

— Não disse, Dr., que tudo por aqui era uma beleza, uma formosura!

— É, Ângelo! De fato; é como se a natureza tivesse se enfeitado toda para nos receber, toda vestida de verde, sob um céu azul como nunca vira antes! Estou perdidamente enamorado, dominado por esta terra maravilhosa! Farei, se Deus quiser e me ajudar, nesta região que pisamos agora pela vez primeira, a maior e mais extraordinária colônia que os séculos a transformarão na mais rica e próspera cidade do sul do teu Brasil. Fantástico, Ângelo!

— Que Deus lhe ouça Dr. e a Virge Maria lhe ajude! — Ângelo também falava contagiado pela emoção que o Dr. Blumenau irradiava naquele momento de extrema felicidade e fé na sua futura colônia, que vinha à luz dos acontecimentos exatamente naquele momento histórico.

O Dr. Blumenau falava com satisfação face aos resultados obtidos em suas explorações, onde tudo se confirmava como lhe contara Peter Lucas, alguns dias antes: "Região riquíssima em solo fértil, florestas aproveitáveis e muita caça, abundantemente regada por cursos d'água e facilmente exploráveis para o intercâmbio comercial". Além disso, continuava falando e anotando, sobre a vegetação e beleza da paisagem alternada de serranias e planícies, águas tranquilas e rumorosas corredeiras.

Quando chegaram depois da última exploração de toda a região em todas as direções, tanto ele como Hackradt, concluíram que ali onde se encontravam e onde pela vez primeira armaram suas barracas em terra firme, onde mais tarde se denominou "embocadura" do rio Garcia e ribeirão da Velha, seria o local da futura colônia.

O Dr. Blumenau, junto com Hackradt, demarcou o local da serraria a ser instalada, o galpão para o acampamento dos primeiros colonos e todas as demais providências necessárias ao bom andamento dos primeiros passos para a instalação da Colônia.

Todos voltaram a Itajaí, com a missão de comprarem tudo o que fosse necessário à Colônia, bem como homens para os primeiros trabalhos de desmatamento e montagem de serraria, como primeiro ponto de partida, sob o comando de Hackradt, enquanto o Dr. Blumenau seguiria para o Desterro, a fim de tomar as medidas legais para a instalação da Colônia, começando com o requerimento das terras e todas as demais providências correlatas.

O Major Agostinho, pela demora dos expedicionários, já concluiu que o Dr. Blumenau encontrara o local ideal. E ajudado por Frei Agote, tinha pronto o ofício respondendo ao Presidente da Província, Marechal Ferreira de Brito, a correspondência que lhe entregara o Dr.

Blumenau, no dia da sua chegada. E pedia ao Presidente para tudo facilitar, de forma que pudesse instalar a Colônia, como era agora o seu desejo, rio acima, no Distrito de Itajaí.

Foram tomadas todas as providências para que Hackradt em breve voltasse ao local demarcado, com homens e tudo o mais, para o início das obras de instalação da Colônia, já que o Major Agostinho, como havia prometido, tudo facilitaria, em homens e materiais necessários aos trabalhos, combinados com o Dr. Blumenau.

Na hora da partida do Dr. Blumenau, numa sumaca, para o Desterro, depois de se despedir de todos, deixou por último Ângelo, dizendo-lhe carinhosamente:

— Ângelo! Esta foi a nossa primeira viagem por este rio maravilhoso, até onde nenhum homem civilizado havia chegado antes. Breve voltarás com Hackradt e seus homens até a nossa futura Colônia, para o início dos trabalhos, conforme combinamos. Eu voltarei daqui há alguns meses para fazermos outras, e muitas outras viagens, se Deus quiser e me ajudar, para sermos acordados pelo canto forte do despertar da gráua. Até breve, meu bom e leal guia e melhor companheiro, da nossa primeira viagem, tão maravilhosa!

*

AS PRIMEIRAS DIFICULDADES

— I —

Na véspera da viagem do Dr. Blumenau a Desterro, à noite, conheceu, apresentado pelo Major Agostinho, o Capitão Guedes, ex-oficial do Exército Imperial, tendo dado baixa há muitos anos, para se dedicar aos negócios de venda de escravos e ao tráfico de “colonos” espanhóis e alemães, como representante, no Brasil, de alguns armadores do Havre, Dunquerque e de Londres que, discretamente, eram traficantes daqueles imigrantes alemães e espanhóis, para o Brasil e alguns países platinos.

O Major Agostinho relutou muito em apresentar o Capitão Guedes ao Dr. Blumenau, porque conhecia a aversão do colonizador, seu amigo, por negócios de escravos. Mas, como o Capitão Guedes era seu amigo e de quem comprara em 1812 cinco casais de escravos levando-os para a Vila do Santíssimo Sacramento, em sua primeira viagem ao Sul, depois de muita insistência e muita conversa do Capitão Guedes, acabou cedendo.

— Capitão, eu lhe apresento ao Dr. Blumenau. Porém, note bem, Capitão! O sr. só conversará com ele sobre o seu negócio durante a viagem que fará amanhã e só a bordo da “Sumaca Borba Gato”, quando em alto mar, nunca, mas nunca mesmo, na minha presença e aqui na minha “Casa de Pasto”. O sr. concorda, Capitão?

— Palavra dada! Só conversarei com o Dr. Blumenau sobre o

negócio que tenho a lhe propor, a bordo da sumaca. Dou-lhe minha palavra de honra, Major!

— Previno ao sr. que ele tem verdadeira repulsa por tais negócios!

— Eu sei. Sei muito bem. Mas duvido que recuse o meu plano e o negócio que lhe vou propor, Major.

— O sr. é quem sabe, Capitão.

O Major Agostinho foi à procura do Dr. Blumenau que, em seu quarto, arrumava as malas, ajudado por Hackradt e Ângelo.

— Dr. Blumenau, na hora do jantar vou lhe apresentar o Capitão Guedes meu velho amigo e de quem comprei os meus escravos, isso em 1812, quando para aqui vim pela primeira vez.

A propósito de meus escravos, vou lhe contar uma velha história que há muito queria fazê-lo e nunca tive oportunidade como tenho agora neste momento.

— Pois conte, Major! — Disse o Dr. Blumenau, curioso, perguntando em seguida — Mas os seus escravos já foram alforriados, não é, Major?

— Já sim senhor, e é justamente a história que vou lhe contar Dr. Blumenau.

— Quando comprei os meus escravos, pedi ao Capitão Guedes cinco escravos fortes e sadios, bem como cinco mulheres jovens, nas mesmas condições, porém com uma exigência: que fossem comprovadamente virgens; exigi também que cada escravo tivesse uma profissão, pois queria: um oleiro, um carpinteiro, um alambiqueiro, um que soubesse tratar de animais e um lavrador.

As escravas que soubessem de todos os serviços domésticos e agrícolas.

Paguei o melhor preço em troca dos melhores escravos. Três dias antes de embarcarmos para aqui, eles me foram entregues, acorrentados, na minha casa lá na Corte.

Tão logo paguei, o Capitão Guedes entregou-me a papelada dos mesmos e as chaves que abririam as suas correntes.

O Padre Agote estava esperando-os em minha casa. Já havíamos preparado dez correntinhas para serem colocadas em seus pescoços, cada uma com um nome próprio, para serem substituídas por seus números.

Mandei que os dez escravos acorrentados entrassem em minha sala de jantar e diante de toda a minha família reunida, mais o Padre Agote, fiz as minhas exigências para os libertar de suas correntes, isto é, deviam jurar sobre uma bíblia que o Padre Agote tinha em suas mãos, de que cumpririam fielmente as minhas exigências. Passariam a ser livres de suas correntes e jamais entrariam numa senzala como até então.

O Dr. Blumenau interrompeu o Major Agostinho para lhe perguntar nervoso:

— Major, o sr. não nos disse quais as suas exigências!

— Eu lhes disse que os livraria das correntes e da senzala, se eles se compromettessem: 1º — nunca fugirem; 2º — aprender a ler, escrever e falar corretamente; 3º — se batizarem e casarem, conforme as leis da Igreja e do Brasil e só depois de chegarmos à Vila do Santíssimo Sacramento, para onde embarcaríamos daqui há três dias, e numa capelinha que eles iriam construir; 4º — que obedecessem, sem discutir, as minhas ordens.

E cada um fez o seu juramento em separado, colocando a mão direita sobre a Bíblia.

Feito o juramento, o meu filho mais velho, Júnior, abriu as correntes, enquanto a minha filha mais velha, Maria, que foi mais tarde a sua professora colocou em cada um a correntinha com os nomes: Desidério, Pedro, João, Antônio e Manuel; nas mulheres: Mercedes, Leonor, Júlia, Anita e Rosa.

Mandei que tomassem banho e vestissem as roupas que lhes entregamos e que, dentro de uma hora, se apresentassem na cozinha limpos e vestidos.

Durante o primeiro jantar dos escravos, numa grande mesa para dez pessoas, na cozinha, disse-lhes que daquela hora em diante, as mulheres e os homens viveriam separados e só se juntariam depois de casados, uma vez que fazia absoluta questão que as mulheres permanecessem virgens até o dia do casamento, como gente civilizada.

Depois do jantar e da minha preleção, eles cochicharam e o escravo mais velho, o seu líder Desidério, pediu para fazer um pedido que concedi. Imediatamente, ele, de pé, assim falou:

— Meu bom amo e senhor! Depois de tanta bondade de sua parte, nós pedimos em agradecimento, permissão para o chamar, em vez de amo e senhor, “Pai Branco”.

Dois anos depois de construída, de pau-a-pique, a Capelinha aqui na Vila do Santíssimo Sacramento e toda pintadinha de branco, no dia de Natal a inauguramos, com o batizado e o cimento dos cinco casais de escravos, que já haviam escolhido as suas noivas.

O Padre Agote, para batizá-los e casá-los, exigiu que tivessem nomes completos e não apenas nomes próprios, como até então. Eram exigências das leis, quer da Igreja, quer do Brasil.

Muito antes, quando minha filha Maria os ensinava a ler e escrever corretamente, mandou que Desidério assinasse o seu nome todo, pondo na frente do seu nome próprio o nome de família!

Ele olhou triste para ela e respondeu de cabeça baixa:

Menina Maria, eu sei que ninguém nasce sem ter pai e mãe, mas, nós nunca conhecemos os nossos pais, como a menina os conhece. Quando me dei por gente, não tinha nome, apenas um número! Desidério foi o meu primeiro nome, dado pelo “Pai Branco”.

Para resolver as exigências da lei, conforme pediu-me o Padre Agote, reuni os casais e disse-lhes que, daquele dia em diante, lhes dava o meu sobrenome, para que o usassem para sempre, porque eu ti-

nha certeza que eles saberiam honrá-lo, como souberam honrar, os seus compromissos jurados sobre a Bíblia, há dois anos atrás.

Desidério e todos os demais, quando assinaram nos livros de registro de batizados e casamentos, o fizeram chorando. Portavam agora o sobrenome de Alves Ramos!

Quando, em 1822, dez anos depois de termos chegado à Vila do Santíssimo Sacramento, hoje Distrito de Itajaí, Dom Pedro I deu a Sete de Setembro seu "Grito do Ipiranga", de nossa Independência, só tivemos conhecimento aqui, em meados de novembro...

— As notícias por aqui chegam bem atrasadinhas, heim, Major? - interrompeu o Dr. Blumenau, irônico.

— Tem vezes que chegam até com cinco meses de atraso, tudo depende da chegada dos navios, quer da Corte, quer da Província.

Mas, como ia lhes contando, quando soubemos da nossa Independência, foi tamanha a nossa alegria que preparamos uma festança com muito "comes e bebes". Mandei então preparar a "Carta de Alforria" dos meus escravos e no dia de Natal daquele ano, fizemos a maior de todas as festas de Natal, com uma bonita e grande fogueira. E toda a vila tomou parte nos festejos.

No meio da festa, reuni os cinco casais de escravos, todos com seus filhos, entreguei a cada um, a sua "Carta de Alforria".

Foi uma alegria que veio acompanhada de choro e muita felicidade.

De repente, tudo se acalmou com a voz forte do meu compadre Desidério, o mais velho de todos os escravos, que dizia para todos ouvirem, com a voz embargada pelas lágrimas de satisfação e emoção: "Compadre Agostinho, nosso grande e santo "Pai Branco"! Desde o dia que o Capitão Guedes nos vendeu para o senhor, nós, pelos tratos que sempre recebemos desde que entramos nesta santa casa, nunca mais entramos numa senzala nem fomos acorrentados ou maltratados. E, muitas vezes, em dias de festas, como nos dias do seu aniversário e da nossa santa comadre Ana, e muito principalmente na festa de hoje, dia de Natal, todos nós juntos, como uma grande família, sentamos à mesa que o senhor senta com toda sua família, como se fôssemos todos irmãos. Nós sentimos, desde aquele dia abençoado que viemos pra sua casa, onde aprendemos a ler e a falar direitinho como exigia a nossa querida professora, sua boa menina Maria, desde aquele dia nós deixamos de ser escravos para ser gente livre de corpo, alma e coração. Portanto, nosso "Pai Branco" e meu compadre Agostinho: a carta de alforria que tenho em minhas mãos bem como a de meus companheiros de escravidão, não precisamos dela, porque nunca sentimos mais a escravidão desde que o compadre nos comprou, na hora mais linda de nossas vidas e abençoada por Deus, passamos, como agora, a ser um Alves Ramos, que a sua bondade e confiança nos deu para honrá-lo e amá-lo, acima de todas as coisas. Compadre, hoje somos, com muito orgulho, um Alves Ramos, e, um Alves Ramos não é nem nunca foi um escravo e sim, um homem livre, honrado e trabalhador,

como o compadre e todos os seus sempre o foram. Portanto, o destino da "Carta de Alforria", que nós agradecemos de coração, é um só: a fogueira!

E, um por um, atirou sua carta na grande fogueira que parece, iluminou toda a Vila com um clarão de liberdade.

Comovido, o Major Agostinho assim terminou a história sobre os seus escravos:

— Nas cinzas das cartas queimadas estava o maior prêmio que recebi em toda a minha vida: o da gratidão e confiança sinceras e comovedoras dos meus escravos, hoje, como meus filhos, usando o meu próprio nome de família.

— Muito bem, Major! Excelente lição de gratidão e confiança de seus escravos, que sempre foram tratados com humanidade, como gente que são, como nós! É por causa destas e outras histórias que ouvi, que sou totalmente contra a escravatura, Major! O que não impede que o sr. me apresente o seu amigo, Capitão Guedes — concluiu, sorrindo, o Dr. Blumenau.

— Pois bem, Dr. Blumenau! Vou lhe apresentar, na hora do jantar, o Capitão Guedes porque ele quer muito falar com o Dr. e até me disse que fez esta viagem porque sabia que o Dr. andava por aqui, segundo informações que lhe deram os seus amigos lá da Corte. E que tinha um ótimo negócio a lhe propor.

Hackradt entrou na conversa:

— Ele já soube que eu viajava com o Dr. e já conversou comigo duas horas. É sempre a mesma conversa de todos os traficantes de escravos, quer brancos ou negros. O Dr. Blumenau conhece muito bem essa gente!

— Está bem. Conversaremos durante a nossa viagem. Hoje à noite é apenas uma apresentação. Concorda, Major?

— Muito bem! E muito agradecido, Dr. Blumenau!

— II —

Quando a Sumaca Borba Gato saiu barra a fora, desabou um forte temporal. E o comandante Moreira, por segurança, se refugiou na baía de Porto Eelo, onde ancorou, esperando que o temporal passasse.

Naquela noite, como medida de segurança, a Sumaca ficou ancorada na baía e só ao amanhecer é que rumou para o Desterro.

Durante a noite, o Capitão Guedes aproveitou para conversar com o Dr. Blumenau, no próprio camarote do colonizador e foi diretamente ao assunto. Era homem agressivo e hábil negociador.

— Nós, Dr. Blumenau, lhe propomos não só a venda de excelentes e qualificados escravos africanos, como também colonos alemães, ou se quiser mesclar as raças, bons colonos espanhóis ou italianos, à sua escolha ou preferência.

Todos entregues em sua colônia, esteja onde estiver, em qualquer lugar do Brasil.

Tem mais, Dr. Blumenau: eu sei que o sr. vai a província para requerer as terras e propor um plano de colonização no alto Itajaí-Açu.

Sei que o Dr. já tem pronto o requerimento que vai encaminhar à Assembléa Provincial, na qualidade de representante da Sociedade de Protecção aos Imigrantes Alemães no sul do Brasil.

Sei mais que o seu requerimento é digno de toda a atenção, não só em seus traços principais, como reflete o curso dos ideais traçados no tratado de 1846, além de revelar a influência de dois anos de experiência colhida no nosso país, destacando-se por conseguinte de projectos contemporâneos idênticos e de seu prestígio pessoal na Corte.

O Dr. Blumenau que a tudo ouvia atento e sereno, admirou-se de como o Capitão Guedes de tudo sabia, e perguntou-lhe:

— Capitão, todas estas informações que acaba de me expor, soube-as por intermédio do meu amigo e futuro sócio sr. Ferdinand Hackradt, não foi

— Exatamente! Tem mais, li e decorei a cópia do seu requerimento que estava com ele, dada pelo Dr., sem lhe pedir segredo sobre o assunto, e o sr. Hackradt fê-lo para me convencer da beleza e grandeza do seu plano de colonização que, de fato o é, no papel, porém não na prática. Disto não tenho dúvida, Dr. Blumenau.

Apesar, Dr. Blumenau, de no seu documento constar que a sociedade hamburguesa dispunha dum capital de um milhão de marcos, equivalente a 645 contos de réis e que dela faziam parte vinte dos capitalistas mais respeitáveis da Alemanha, entre os quais alguns que gozavam de bom conceito no próprio Brasil, bem como que o objecto da sociedade era desenvolver as pacíficas relações comerciais há muito já existentes entre a cidade hanseática e o Brasil, mediante introdução e fixação de imigrantes alemães e o estabelecimento de colónias agrícolas e industriais porque o Brasil e a Alemanha são aliados naturais, por determinação do destino. O Brasil encontraria na Alemanha, que não possuía colónias próprias, um mercado franco e assaz rendoso para os seus produtos, recebendo dela, por seu turno, mão de obra e manufaturas de que carecia.

O Dr. Blumenau, espantado por ter o Capitão Guedes decorado mesmo o seu requerimento com tanta precisão, interrompeu-o novamente:

— Quantas vezes o sr. leu o documento para decorá-lo

— Apenas três vezes! São os cavacos do ofício. Ter tudo bem decorado de memória para poder saber o que vender, e vender bem, Dr. Blumenau!

Mas, continuando com o seu requerimento... A sociedade não trabalharia unicamente por sentimentos filatropicos, embora esperasse aliviar a triste sorte de muitas familias honradas; repudiaria, porém, a imputação de visar exclusivamente a interesses financeiros, para enriquecer-se à custa do Império e dos imigrantes.

(Continua no próximo número)

ACONTECEU... --- Setembro de 1980

— DIA 1º — Foi aberta oficialmente a Semana da Pátria em Blumenau com o hasteamento do pavilhão nacional no grande mastro existente na praça em frente ao Teatro Carlos Gomes.

*

— DIA 1º — No Ginásio Sebastião Cruz, é oficialmente aberta a competição denominada Jogos da Primavera. A solenidade teve lugar às 8,15 hrs.

*

— DIA 1º — Às 9 horas da manhã o Clube Filatélico de Blumenau inaugurou uma exposição filatélica especialmente relativa ao serviço postal usado pela Estrada de Ferro Santa Catarina. Local, Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller".

*

— DIA 1º — Às 19,00 horas — Foi solenemente inaugurada a Exposição de Flores e Orquídeas, promovida pelo Circulo de Orquidófilos de Blumenau, no Mausoleu Dr. Blumenau.

*

— DIA 1º — O Prefeito Renato Vianna presidiu a solenidade de inauguração da ponte "Alberto Busnardo", ligando as ruas Alberto Stein a Almirante Tamandaré, no bairro da Velha.

*

— DIA 1º — Na Câmara Municipal de Vereadores tem lugar uma sessão solene como parte dos festejos da Semana da Pátria e aniversário de fundação da cidade.

*

— DIA 2 — No Mausoleu Dr. Blumenau realiza-se a solenidade de homenagens ao fundador, com a colocação de flores em seu túmulo. Deixa de realizar-se do Desfile das Sociedades de Atiradores em vista do mau tempo reinante.

*

— DIA 2 — Às 11 horas, verifica-se a solenidade de inauguração da rua Weingarten, com a presença do prefeito Rolf Goerich, da mesma cidade alemã, rua localizada no loteamento "Portal da Saxônia".

*

— DIA 2 — É inaugurado, numa praça existente no encontro das ruas 15 de Novembro e Alwin Schrader, o busto do ex-prefeito Alwin Schrader, solenidade esta presidida pelo Prefeito Renato Vianna. O descerramento do busto foi feito pelo filho do homenageado, o industrial Heins Schrader.

*

— DIA 2 — A Cia. Hering promove grandes festividades em regosijo pelo transcurso do centenário de fundação daquela conceituada

organização industrial blumenauense, integrando-se aos festejos dos 130 anos de fundação de Blumenau, ao promover um espetáculo artístico-cultural no Ginásio "Sebastião Cruz".

*

— DIA 3 — No Teatro Carlos Gomes foi aberta a Mostra de Arte Infantil de 1980, como parte dos festejos da Semana da Pátria.

*

— DIA 3 — Às 15,30 horas — O Grupo de Teatro Ribalta abriu a primeira Mostra Blumenauense de Teatro Infantil, no Teatro Carlos Gomes, com a apresentação da peça: "Profissão de Palhaço", da autoria de Ivo Hadlich.

*

— DIA 3 — O prefeito Renato Vianna presidiu a solenidade de entrega da Área de Lazer destinada aos moradores dos bairros Fortaleza e Itoupava Norte, localizada na Avenida Lisboa.

*

— DIA 3 — As Lojas Maçônicas de Blumenau promoveram concorrida sessão magna cívica no Auditório do Teatro Carlos Gomes, em homenagem à Semana da Pátria.

*

— DIA 3 — A Caixa Econômica Federal promoveu, na praça Dr. Blumenau, a extração da Loteria Federal em regosijo pelo transcurso dos 130 anos de fundação de Blumenau. A extração deu-se às 18 horas com numerosa presença de populares.

*

— DIA 4 — Na Galeria Municipal de Artes, a Prefeitura Municipal de Blumenau e a TV Coligadas promoveram a abertura da mostra "Valores Novos", com solenidade registrada às 20,30 horas, apresentando inicialmente os seguintes trabalhos: Cerâmica, da blumenauense Sônia Baier; Desenho, da blumenauense Maria Lúcia do Nascimento (Lula); Pintura, do portoalegrense radicado em Blumenau Cláudio Hürbe.

*

DIA 4 — O Grupo teatral Vale do Sol leva à cena a peça "O Circo Rataplan", no Teatro Carlos Gomes, na Mostra do Teatro Infantil.

*

— DIA 4 — O Prefeito Renato Vianna presidiu a inauguração da Ponte "Edgar Barreto", localizada no bairro de Velha Central, sobre o ribeirão da Velha, com 28 metros de comprimento, sendo 14 sobre o vão do ribeirão e 10 metros de largura, dos quais 1,50 de cada lado reservado para pedestres. O custo da ponte foi de Cr\$ 803.000,00 e a solenidade foi muito concorrida.

*

— DIA 4 — Às 18,00 horas o prefeito Renato Vianna inaugurou a praça localizada à entrada da rua Pedro Kraus, a qual foi denominada de "Jornalista João Vieira", em homenagem ao popular e saudoso Mano Jango há pouco falecido. Às 18,30 horas do mesmo dia, o

prefeito blumenauense inaugurou uma segunda praça, localizada na entrada da rua Leopoldo Kuhn, variante da Pedro Kraus, denominando-a de Praça Walmor Barbieri, em homenagem ao saudoso servidor municipal falecido há pouco mais de dois anos. Na primeira praça inaugurada, a "Praça Jornalista João Vieira", também foi aberta ao uso infantil, uma bela área de lazer, com bancos e um Play-Ground.

*

— DIA 5 — No Centro de Treinamento Profissional da Prefeitura de Blumenau, localizado na rua da Glória, bairro Garcia, realizou-se a solenidade de encerramento dos cursos profissionalizantes de: eletrcista de automóvel (150 horas de duração); Eletricista Instalador (180 horas) e Mecânico de Máquinas de Costura Industrial (150 horas). Trinta e cinco foram os diplomados os quais receberam seus documentos de habilitação das mãos do Prefeito Renato Vianna, que presidiu a solenidade.

*

— DIA 5 — Mais dois micro-tratores deram entrada na Secretaria de Agricultura, adquiridos pela Prefeitura de Blumenau, para servirem aos agricultores do município, sendo assim integrados à Patrulha Mecanizada, somando-se a partir de então em número de quatorze os micro-tratores que hoje executam este serviço na zona rural blumenauense.

*

— DIA 5 — No Teatro Carlos Gomes foi levada à cena a peça "A Bruxinha que era Boa", pelo Grupo de Teatro Sul Fabril e como parte da Primeira Mostra Blumenauense de Teatro Infantil.

*

— DIA 5 — Às 18,30 horas, em concorrida solenidade, teve lugar, no bairro Boa Vista, a inauguração da Praça "José Manoel do Nascimento", cujo ato contou com a presença do prefeito Renato Vianna, que presidiu a solenidade, fazendo-se acompanhar por diversos de seus assessores diretos.

*

— DIA 5 — Às 20,30 horas o Grupo Teatral "Phoenix" apresentou, no Teatro de Bolso "Prof. Rodolfo Gerlach", à rua Itajaí, a peça "Comuna de Bravos", de autoria do saudoso historiador Prof. José Ferreira da Silva.

*

— DIA 6 — Dentro da programação da Semana da Pátria, o prefeito Renato Vianna inaugurou dois novos centros sociais da municipalidade. O primeiro, na Vila Nova e o outro próximo à Ponte do Salto, os quais custaram aos cofres municipais cerca de 2,5 milhões de cruzeiros. Com a incorporação destas duas novas unidades, a Prefeitura passou a administrar, através da Secretaria de Saúde e Bem Estar Social, vinte e quatro centros sociais e onze creches, estas últimas atendendo a aproximadamente duas mil crianças de idade até seis anos.

— DIA 6 — Como parte da Primeira Mostra Blumenauense de Teatro Infantil, a equipe “Vira Lata” levou à cena, às 15,30 horas, a apresentação da peça “O Menino e o Palhaço”, da autoria de Nilson Condé.

*

— DIA 6 — Com a presença de mais de três mil participantes, realizou-se o Baile da Independência, no Pavilhão “A” da PROEB, oportunidade em que as Sociedades de Atiradores receberam das mãos do Prefeito Renato Vianna os troféus, faixas e medalhas conquistados durante a realização do Nono Encontro Blumenauense de Atiradores. O baile teve início às 20,00 horas, encerrando-se somente às 5 horas da madrugada do dia 7.

*

— DIA 7 — Como tradicionalmente acontece todos os anos, realizou-se, a partir das 9 horas da manhã, o grande desfile cívico militar em regosijo pelo aniversário da Independência do Brasil. No Teatro Carlos Gomes, às 15,30 horas o Grupo de Educação Artística da FURB encenou a peça “O Jogo da Caça ao Pássaro” e às 18,00 horas encerraram-se as festividades da Semana da Pátria, com o arriamento da Bandeira Nacional em frente ao Mausoléu Dr. Blumenau.

*

— DIA 8 — Na firma local White Martins foi iniciada a V SEPAT (Semana de Prevenção de Acidentes do Trabalho), com o objetivo de conscientizar e valorizar o tema “Segurança, Higiene e Medicina no Trabalho” para todo o Corpo Social da referida Empresa.

*

DIA 11 — Com a presença de diretores da TELESC, realizou-se a solenidade da ativação do telefone 100.000 que simbolicamente representou um aparelho instalado e ativado na sede da APAE, de Blumenau. Com esta meta alcançada, a TELESC chegou a 141 centrais operando em Santa Catarina e por elas passando 1.684.743 interurbanos, representando uma evocação crescente superior a 1.800% nestas comunicações intermunicipais ou interestaduais.

*

— DIA 11 — No Teatro Carlos Gomes, apresentou-se o Grupo Instrumental de Curitiba, às 20,00 horas.

*

— DIA 12 — Prosseguindo nas apresentações musicais, o Teatro Carlos Gomes registrou o recital de piano de Miguel Proença.

*

— DIA 13 — No Clube de Caça e Tiro Ribeirão Itoupava realizou-se a grande festa de Rainha, contando com a participação de elevado número de associados na marcha e também no baile social realizado à noite.

*

— DIA 16 — A imprensa local noticia que o primeiro paciente operado em Blumenau, com transplante de rim, de nome Bruno de

Souza, cirurgia ocorrida dia 29 de agosto, passa bem, recuperando-se rapidamente. Bruno recebeu o rim doado por sua irmã Margarida de Souza.

*

— DIA 16 — No Museu de Arte de Santa Catarina, em Florianópolis, realizou-se a solenidade de abertura da exposição “Quatro Damas da Arte Catarinense”, com trabalhos de Suely Beduschi, Elke Hering Bell, Eli M. Heil e Jandira Lorenz.

*

— DIA 18 — Às 20,30 horas apresentaram-se no Teatro Carlos Gomes Toquinho, Francis Hime e Maria Creuza, num espetáculo muito concorrido.

*

— DIA 18 — Foi solenemente aberta a Segunda Feira de Gado Leiteiro, promovido pela Prefeitura de Blumenau, através da Secretaria de Agricultura com o Núcleo da Associação Catarinense de Criadores de Bovinos e o Ministério da Agricultura. Local, PROEB. Participação: cerca de 200 animais inscritos.

*

— DIA 19 — No Anfiteatro da FURB registrou-se a audição do Quarteto de Cordas Municipal de São Paulo, integrado por Maria Vischnia (1º violino), Ariane Pfister (2º violino), George Kiszely (viola) e Zygmunt Kubala (violoncelo).

*

— DIA 21 — No hall da Reitoria, Campus Universitário de Trindade, em Florianópolis, teve lugar o lançamento do livro “Entropia & Evasão”, do jornalista Bento Silvério.

*

— DIA 21 — No Aeroporto Quero-Quero, a diretoria do Aero-Clube de Blumenau apresentou ao público que lá compareceu em grande número, o novo avião adquirido para os cursos de pilotagem daquela entidade. O aparelho é do Tupi, prefixo NYQ, com capacidade para quatro pessoas, autonomia de vôo para quatro horas e 30 minutos, podendo alcançar a velocidade de até 200 quilômetros horários.

*

— DIA 22 — O avião Cessna, prefixo PT-JNA, monomotor, procedente do Rio Grande do Sul e com destino à cidade de Cascavel, no Paraná, saiu da rota levado pelos fortes ventos e, escasseando o combustível, seu piloto de nome Paulo Cesar Ribeiro, fez aterrissagem de emergência na rodovia Blumenau-Navegantes, num dos trechos alfaldados, sem sofrer danos. No dia seguinte continuou a viagem, depois de ser abastecido no mesmo dia no local da aterrissagem e dali levantar vôo para pernoitar no aeroporto Quero-Quero, em Blumenau. O piloto levava consigo Iolanda Ribeiro.

*

— DIA 23 — No Teatro Carlos Gomes estreou a peça “Gota

D'Agua", da autoria de Chico Buarque de Holanda, interpretada por Bibi Ferreira.

*

— DIA 23 — No Calçadão da rua Felipe Schmidt, em Florianópolis, a Fundação Catarinense de Cultura promoveu o lançamento do livro "O Homem e a Mulher", de Alcides Buss.

*

— DIA 25 — Nesse dia iniciou-se a Semana do Trânsito. Diversas palestras educativas foram programadas para serem pronunciadas diariamente nos estabelecimentos de ensino.

*

— DIA 25 — Um recital de Piano e Violoncelo realizou-se às 20,30 horas no Teatro Carlos Gomes, com os artistas Márcio Botelho e Fábio Gardenal.

*

— DIA 27 — O Clube de Caça e Tiro Itoupava Rega promove uma festa de Rei do Bolão, com desfile à tarde e um grande baile social à noite, com a quase total participação dos seus associados.

*

— DIA 27 — Iniciativa das mais elogiáveis da Secretaria de Saúde e Bem Estar Social adotada neste dia, lançando a "Semana dos Bons Dentes", com numerosas palestras, redações e cartazes efetuadas nas escolas municipais e centros de saúde.

*

— DIA 27 — O Prefeito Renato Vianna recebeu a visita do sr. Roland Kocher, adido cultural da embaixada da França no Brasil, o qual achava-se acompanhado do reitor da FURB, professor José Taffner.

*

— DIA 30 — Às 20,30 horas, no Teatro Carlos Gomes, foi encenado a peça de Chico Buarque de Holanda "Calabar", que esteve sob censura durante cerca de 10 anos.

*

— DIA 30 — A partir das 14 horas, foi aberta à visitação pública, na Galeria Municipal de Artes, uma exposição de cerca de 60 cartuns de humor, premiados no Salão de Humor de Piracicaba, São Paulo.

*

— DIA 30 — "Blumenau em Cadernos" registra o aparecimento de mais um pequeno informativo denominado "O TATU", com notícias das atividades da firma Hayashi & Cia. Ltda. Nossos cumprimentos.

A História de Blumenau revela:

CARTA DO DIRETOR SOBRE O PROBLEMA DE VENDA DE TERRAS DEVOLUTAS NA COLÔNIA — AS MEDIDAS ADOTADAS PARA A CONSTRUÇÃO DO PRIMEIRO CEMITÉRIO CATÓLICO EM BLUMENAU PADROEIRO DA COLÔNIA (DOS DOCUMENTOS CHEGADOS DA BAIXA SAXÔNIA)

VENDAS DE TERRAS

“Ilmo. e Exmo. Snr.

Tendo a honra de devolver a V. Excia. os inclusos requerimentos e a representação de Schadrack que as acompanhava, cabe-me o dever de acompanhá-las das seguintes informações:

As terras pedidas não são propriamente ditas devolutas e sim parte integrante do território desta Colônia, sujeito a regulamento especial, se não forem de propriedade particular, como até há breve parecia. Deveriam, pois, no meu ver, ser vendidas em conformidade com o mesmo regulamento e por esta Direção. Tendo eu por diferentes vezes manifestado a V. Excia. a minha modesta opinião de que a colonização na localidade em questão e em outras diferentes atualmente é pouco conveniente e contraria algum tanto os planos do Governo Imperial de promover sobretudo o estabelecimento de uma comunicação não interrupta desta Colônia com a de Dona Francisca, persisto ainda hoje na mesma opinião. Como porém, de outro lado também parece conveniente não dar lugar a que a malevolência se sirva da firmesa com que até agora se continuava na execução daqueles planos, de pretexto para agredir, caluniar e desacreditar esta Colônia no público alemão, ouseu repetir a V. Excia. a proposta de um meio termo que se dificulte algum tanto o estabelecimento em tais localidades, contudo não o torne inteiramente impossível ou vedado.

Rogo portanto a vossa licença para vender também terras em localidades cuja colonização atualmente ainda não for muito conveniente e não entrar nos planos até agora seguidos, conforme o regulamento, mas debaixo das seguintes modificações:

1º — Não será vendida terra alguma a crédito e o preço dado logo deve ser pago integralmente.

2º — Os compradores se devem obrigar, por termo, a estabelecer-se cada um na sua sorte e na direção que lhe for marcada como mais conveniente pelo Diretor e a conservar em bom estado caminhos e pontes regulares e transitáveis para cavalos, gados e para cavaleiros. Estes caminhos e pontes devem ser feitos dentro do prazo de seis meses da data da venda e esta não será considerada como inteiramente concluída sem o competente título entregue enquanto aquela condição não for satisfatoriamente cumprida.

3º — No mesmo termo os compradores renunciam a qualquer

presente ou futura reclamação a respeito de meios de comunicação, até que a localidade em questão fique regularmente colonizada e entre no plano geral, sujeitando-se no resto ao regulamento da Colônia como todos os mais moradores da mesma.

4º — Os compradores não terão direito algum e renunciam a pedir subvenção ou as diárias que se dão aos colonos necessitados.

Estas condições não são tão onerosas para impedirem o estabelecimento em tais localidades de quem possui algum fundo ou o tornarem demasiadamente dificultosa, mas não hão de desviar do plano geral a grande massa dos imigrados, como infalivelmente havia de acontecer se as tais terras ficassem colonizadas em pé inteiramente igual com as demais.

Revedo agora a representação de Schadrack e as respectivas alterações nela inserida, tenho, em primeiro lugar, a dizer que, entretanto, que aquele não tem em mira senão o seu único interesse pecuniário, eu não defendo senão o do Estado e da colonização, e prejudicando ainda desta vez como em diferentes ocasiões anteriores, ao menos interesses particulares e pecuniários, e posso provar esta asserção com fatos.

Quanto crédito merece Schadrack, no que alega, V. Excia. poderá julgar da seguinte análise:

Carlos Linder, um dos suplicantes, segundo Schadrack, já não pôde acomodar o seu gado e se viu forçado a vender parte dele por seu terreno muito estreito — o homem possui doze cabeças de gados entre grandes e pequenos e vendeu uma velha vaca por já não lhe servir e não cultivou ainda a terra e provavelmente nem ainda a 4ª ou 5ª parte das suas 50.000 braças! Prestando-se este excelentemente em grande parte à cultura do arado, o homem não move a mão, apesar de possuir os fundos para a adoção deste grande melhoramento, para se aproveitar de tão favoráveis circunstâncias. O que quer é comprar terras a dois réis a braça e vendê-las logo a dez a deixar usá-las, apesar de não ter filhos e só duas filhas.

Dos outros requerentes, Schadrack diz que vieram há pouco da Europa e estão à espera das suas famílias, a verdade é que:

Frederico Riemer se acha aqui desde uns dez anos pelo menos ou mais, que é um rapaz ainda muito verde e trabalha com os agrimensores nas terras do seu pai.

Carlos Kühne é rapaz ainda mais verde e que o seu tio, um honrado e diligente colono que o mandara vir, o botou fora por malcriado e não quiser bem trabalhar.

Baus veio da Colônia Dona Francisca aonde foi bastante tempo já, possuía um bom terreno nesta colônia que com lucro vendeu e quer acaso repetir o experimento. De resto já pediu um outro terreno no Rio do Testo no caso de que não possa obtê-lo na Itoupava.

Henrique Mordhorst, solteiro, se acha aqui huns três anos. O que é certo é que nenhum dos suplicantes teria insistido na compra de terras na localidade em questão se não fosse instigado pelo Scha-

drack e que, quanto me constou, nenhum só está a espera de uma sua família, sendo todos solteiros. Também tenho muito boas razões em acreditar que ou nenhum ou talvez um deles se haja de retirar desta Colônia. É isto uma ameaça já tantas vezes repetida, que é usada e já não produz efeito. Ainda se um ou outro caprichoso se retirar, o que pelo motivo alegado raríssimas vezes aconteceu, isto não pode ser motivo para abandonar um sistema e planos que até agora se evidenciaram como bem apropriados e de favorável sucesso.

É fastidioso, com tais exposições, arrasar a paciência e roubar o precioso tempo à V. Excia. e vou acabar.

No meu ver não é conveniente, no estado em que ainda se acha a colonização nesta parte, deixar campo livre aos abutres que se chamam mui imprópriamente como fez Schadrack capitalistas industriais e cuja negativa influência já muito prejudicou e continua a prejudicar a colônia Dona Francisca, abundando os relatórios do Barão de Frehudi, embaixador da Suíça, de Dr. Callemant e outros em observações reprehensiveis sobre o nocivo efeito que as especulações em terra exercerão sobre o progresso e a florescência daquela Colônia.

Mas V. Excia. decidirá o que for mais acertado.

Deus Guarde V. Excia.

Colônia Blumenau, 28 de junho de 1862.

Imo. e Exmo. Snr. Conselheiro Vicente Pires da Motta, Digníssimo Presidente da Província. — Assinado. — O Diretor — Dr. H. B. O. Blumenau.”

*

CEMITÉRIO CATÓLICO

Carta 1 — “Freguezia de São Pedro Apóstolo, em 4 de julho de 1862.

Ilmo. Sr. Dr. Hermann Blumenau. DD. Diretor da Colônia Blumenau.

Tendo recebido um ofício do Exmo. Presidente da Província que me pede informações acerca da despesa a fazer-se com o cemitério para os católicos de sua Colônia, rogo pois para melhor poder fazer se digne enviar-me o orçamento conforme o seu melhor entender a este respeito, para que com uma mutua coadjuvação e um bom entendimento entre nós, seja satisfeito a esta urgência indeclinável da Colônia. — Deus Guarde V. Sa. — Ao Ilmo. Snr. Diretor da Colônia Blumenau. — Assinado: Vigário da Freguezia de São Pedro Apóstolo - Padre Alberto Gattone”.

*

Carta 2 — “Freguezia de São Pedro Apóstolo, em 15 de agosto de 1862.

Incluso V. S. recebe dois ofícios, um do Exmo. Sr. Presidente da Província e outro do diretor da Colônia Blumenau, afim de que V.S. se intelencie do conteúdo deles. Baseando neles, V. S. me fará o favor de avisar-me pelo portador, se o respectivo dinheiro está outorgado para o dito Cemitério dos Católicos da Colônia Blumenau, e

dizendo-me o Diretor da Colônia pelo officio incluso, que recebeu autorização do Exmo. Sr. Presidente para proceder aos necessários trabalhos do Cemitério católico na sua povoação, havendo de se principiar com os mesmos no dia 7 de julho proximo passado, o que hoje faz mais do que cinco semanas, V. S. me diria quando eu possa benzer o dito Cemitério ao bem dizer, quando a obra for bastante avançada, para que no dito Cemitério se possam enterrar cadáveres, para eu prover as necessárias providências incumbidas a mim pela Presidência. — Deus Guarde V. S. — Ao Ilmo. Snr. Diretor da Colônia Blumenau — Assinado: O Vigário da Freguezia de São Pedro Apóstolo — Padre Alberto F. Gattone.”

*

Carta nr. 3 — “Ilmo. e Revmo. Snr. — Em resposta ao officio de V. S. de hoje, tenho a honra de lhe participar que os trabalhos relativos ao Cemitério Católico nesta povoação são acabados, achando-se limpo de mato, troncos, cipós, etc., uma superficie por agora bastante ao lugar relativo. — Deus Guarde V. S. — Colônia Blumenau, 15 de agosto de 1862. — Ilmo. e Revmo. Sr. Alberto Gattone, Dmo. Vigário de São Pedro Apóstolo. — Em ausência do Diretor, Ass.: H. Wendenburg — Guarda-Livros.”

*

Carta nr. 4 — “Freguezia de São Pedro Apóstolo, em 15 de agosto de 1862. — No entanto que a Presidência conceder o pedido dinheiro para o Cemitério dos Católicos da Colônia Blumenau, deve ser erigido uma Cruz no dito Cemitério conforme se acha exposto no Orçamento da despesa, o que tinha a honra de apresentar à Presidência; não vou proceder à benção do Cemitério sem ser avisado a este respeito, o que tenho a honra de comunicar a V. S. para sua ciência, faltando a sua resposta. — Deus Guarde V. S. — Ao Ilmo. Snr. Diretor da Colônia Blumenau. — Assinado: O Vigário da Freguezia de São Pedro Apóstolo — Padre Alberto Gattone.”

*

PADROEIRO DA COLÔNIA BLUMENAU

Em carta que em 27.10.1863 o Padre Alberto Gattone enviou ao Dr. Blumenau era dada a informação de que um abaixo assinado em seu poder e firmado por moradores do bairro Garcia (rio da Garcia), era solicitada que fosse adotado como padroeiro da colônia, São Vicente de Paula, passando-se então a mesma a denominar-se “São Vicente de Paula de Blumenau”. Todavia, desconhecemos as razões da não aceitação. O teor da carta do Padre Gattone é o seguinte: — “Ilmo. Snr. — Dizem os abaixo assinados, moradores do Rio da Garcia, da Colônia Blumenau, que tendo eles, de consenso de seu vigário, o revdo. Padre Gattone, eleito com geral satisfação o São Vicente de Paula para padroeiro da Colônia Blumenau, confirmando-se assim com os desejos de seus correligionários habitantes no Rio Testa deste estabelecimento, pedem os abaixo assinados ao Exmo. Snr. Diretor e benemérito Fundador desta Colônia que se digne tomar na devida

consideração essa eleição de Padroeiro, declarando os mesmos abaixo assinados que a vontade de seu digno Diretor seria idêntica com a de seus súditos e colonos, se se dignaria naquele tempo, quando se tratar da criação de uma Freguezia nesta Colônia, propor a mesma Freguezia sob a invocação de "São Vicente de Paula de Blumenau", por isso os abaixo assinados. — Ao Ilmo. Snr. Diretor da Colônia Blumenau. Pedem assim se digne aprovar a dita eleição de Padroeiro. — Deus Guarde V. S. — Rio da Garcia, 27 de Outubro de 1863. — Assinado — O Vigário Padre Alberto F. Gattone".

RESULTADO DO CONCURSO SOBRE ECOLOGIA

No dia mundial do Meio Ambiente a Fundação Casa Dr. Blumenau (Setor Biblioteca Ambulante) lançou um concurso de redação sobre o tema ECOLOGIA, dirigida aos alunos das Escolas de 1º Grau associadas à Biblioteca Ambulante.

Final do mês passado foram conhecidos os vencedores selecionados pela Comissão Julgadora composta por Enéas Athanazio (escritor e Promotor Público); Karin Esemann (Bióloga, setor de Comunicação Social da AEMA) e Lauro Eduardo Bacca (Biólogo e Diretor do Museu Ecológico — Fritz Müller). Após a apuração dos conceitos emitidos pela comissão crítica foram conhecidos os cinco primeiros colocados em níveis de 1ª a 4ª séries e 5ª à 8ª séries. Em nível de 1ª à 4ª séries classificaram-se: Katia Terezinha Hensels, 4ª série da E. B. M. Conselheiro Mafra — 1º lugar. Ellen Eliza Langhammer, 4ª série da E. B. M. Quintino Bocaiúva, juntamente com Robson Hille 4ª série da E. B. M. Alberto Stein — 2º lugar. Adilson Alvino Hinsching, 2ª série e Simone Moser Leal 4ª série ambos da E. B. M. Emilio Baumgart, e Ivan Sperber da 4ª série da E. B. Aurea Perpétua Gomes — 3º lugar. Jean Carlos Michel, 4ª série, E. B. Aurea Perpétua Gomes e Rozete Reiter 3ª série da E. B. Carlos Techentin com o 4º lugar e Araci de Borba da E. B. M. Alberto Stein 3ª série com o 5º lugar.

Em nível de 5º à 8º series classificaram-se:

Sidnei Luiz Speckart, aluno da 8º série da E. B. M. Alberto Stein. — 1º lugar. Edna da Silva Batista, 8º série da E. B. M. Leoberto Leal — 2º lugar. Jorge Martins, 8º série da E. B. Padre José Maurício — 3º lugar. Wanderlei Krat e Sônia Regina de Oliveira da 8º série ambos da E. B. M. Quintino Bocaiúva com o 4º lugar — Marlene Gottesmann da 8º série da E. B. Pedro José Maurício — Henrique Antônio Lopes 7º série da E. B. M. Felipe Schmidt e Laureci Catarina Rotta da 7º série da E. B. M. Leoberto Leal com o 5º lugar.

Conforme determina o regulamento do concurso, os três primeiros colocados de cada nível receberão prêmios em dinheiro oferecidos pela Assessoria Especial do Meio Ambiente e Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura e ainda livros oferecidos pela Fundação Casa Dr. Blumenau e livrarias Blumenauenses, Alemã, 43 e do Vale. Os classificados em 4º e 5º lugares também receberão prêmios. A solenidade de entrega dos prêmios será oportunamente divulgada.

GUSTAVO KRIEGER

"UM HOMEM QUE AJUDOU A ESCREVER, COM SUA VIDA, A HISTÓRIA DE SUA CIDADE"

(Continuação do nº anterior)

Maria do Carmo Krieger Goulart

Foi apresentado na Câmara Municipal de Brusque um Projeto de Lei, concedendo o nome de Gustavo Krieger à Rua que liga a Felipe Schmidt com a Guilherme Niebuhr.

Ao ser colocado em votação tal projeto tinha a assinatura de todos os Vereadores (Hélio Habsreuter, Célio Fischer, Jorge Romeu Dadam, Dr. Bonatelli, Liebetrau Eccel, César Gevaerd, Luiz Amilton Martina, Estevam de Oliveira, Euclides José Lopes, Mário Hoefelmann e Antônio Souza) e estava acompanhado da seguinte justificativa:

CONSIDERANDO que Gustavo Krieger nasceu no dia 26 de janeiro de 1878, nesta cidade de Brusque, Estado de Santa Catarina;

CONSIDERANDO que Gustavo Krieger instalou-se na cidade com uma alfaiataria denominada "Alfaiataria Elegante", em 1898;

CONSIDERANDO que Gustavo Krieger contraiu núpcias com D. Adelaide Diegoli, de cujo enlace tiveram 17 (dezessete) filhos;

CONSIDERANDO que Gustavo Krieger transferiu todo seu patrimônio aos filhos Axel e Nilo para continuarem no ramo e que, desde o ano de 1942, a razão social passou para "Irmãos Krieger", com confecções em alta escala, orgulho da Indústria local;

CONSIDERANDO que Gustavo Krieger possui descendentes de largas projeções na Indústria, no Comércio, na Arte, na Cultura, na Educação, etc. etc.;

CONSIDERANDO que Gustavo Krieger prestou relevantes serviços como profissional, na vida social e como Sargento da Guarda Nacional;

CONSIDERANDO que Gustavo Krieger, se vivo fosse, completaria em janeiro próximo futuro 100 (cem) anos de idade;

CONSIDERANDO o homem probo e honesto que foi Gustavo Krieger, REIVINDICAMOS o presente Projeto-de-Lei anexo.

*

Tal projeto-de-Lei foi transformado em Lei pelo Sr. Alexandre Merico, a 12 de dez/77, como segue:

ESTADO DE SANTA CATARINA
PREFEITURA MUNICIPAL DE BRUSQUE
GABINETE DO PREFEITO

LEI Nº 763/77

“MUDA NOMENCLATURA DE VIA PÚBLICA”

Eu, Alexandre Merico, Prefeito Municipal de Brusque, faço saber a todos os habitantes deste Município que a Câmara de Vereadores aprovou e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º — Fica denominada rua “Gustavo Krieger” a atual rua Castro Alves.

Art. 2º — Esta lei entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal, 12 de dezembro de 1.977.

Alexandre Merico

Prefeito Municipal

Publicada na Prefeitura Municipal, em 12 de dezembro de 1977

Evaldo Moresco

Chefe de Gabinete do Prefeito

(Continua no próximo número)

“CONTISTAS DE BLUMENAU”

um concurso vitorioso

As boas iniciativas, quando lançadas em terreno fértil, sempre alcançam seus objetivos: o sucesso. Foi o que aconteceu com o Concurso “Contistas de Blumenau”, lançado em princípios do corrente ano pela Fundação “Casa Dr. Blumenau”, baseando-se no sucesso alcançado com o lançamento do primeiro livro, no ano passado, integrado por onze contistas. Lançadas as bases do concurso, esperava-se que pelos menos uns dez blumenauenses ou pessoas aqui residentes se dispuzessem a participar.

A agradável surpresa aconteceu quando, ao final do prazo para a entrega dos trabalhos, verificou-se nada menos do que a participação de trinta e sete contistas com um volume de 51 contos.

Procedida a apuração com um trabalho dos mais sérios realizados pelos eminentes homens de letras como sejam: Professores Lauro

Junkes da UFSC e Olivo Pedron, da FURB e ainda abalizado escritor João Nicolau de Carvalho, Superintendente da Fundação Catarinense de Cultura, foram então selecionados três grupos de dez contistas. O primeiro grupo de dez tem como prêmio a importância de Cr\$ 20.000,00 oferecida pela Prefeitura Municipal, dividida em dez prêmios de Cr\$ 2.000,00. O segundo grupo, constante de dez contistas, recebe, cada um deles um brinde da Cristais Blumenau. E o terceiro grupo de dez, terá em cada um de seus integrantes, o conto publicado.

Desta forma, como resultante do concurso, surgirá o livro "Contistas de Blumenau-2", contendo trinta contos originários dos participantes do concurso e ainda onze outros contos, originários dos contistas convidados, ou seja, os que participaram do primeiro livro.

A fundação "Casa Dr. Blumenau" marca, com isto, mais um triunfo nos seus altos objetivos de colaborar para o desenvolvimento cultural do povo, chamando a si a responsabilidade de arremeter valores novos e dar-lhes a oportunidade de serem publicados seus trabalhos num livro que há de receber os aplausos e o acolhimento estimulante de todos para que, com tal incentivo, possa esta instituição sentir-se amparada e encorajada sua direção de prosseguir com o lançamento de novos concursos para o futuro.

O primeiro incentivo recebido pela Fundação "Casa Dr. Blumenau", já aconteceu com o primeiro "Contistas de Blumenau", quando contou com a valiosa co-edição da Editora Lunardelli que, mais uma vez, se dispõe a participar, auxiliando-nos a tornar realidade "Contistas de Blumenau-2".

OS CONTISTAS CLASSIFICADOS

Vamos relacionar a seguir os grupos contemplados e cujos autores terão seus contos publicados no livro. São eles:

1º grupo — Prêmio de Cr\$ 2.000,00 cada contista: — Afonso Rabe, Eugênia Luiza Pacca, Eulália Maria Radtke, Gill Müller, Luiz Carlos Soares da Silveira, Maria Odete Olsen, Nestor Heusi, Oldemar Olsen Júnior, Paulo Cezar Tiellet e Silvia Alzira Wittmann. Segundo grupo — Prêmio Cristais Blumenau: — Agenor Giovanella, Ana Rosa Altoff Pimpão, Anamaria Kovács, Heriberto Kolk, Ivo Hadlich, Lúcia Burgardt Virgili, Maurício Sucheuski, Olívia Wandal, Rosana Luci Sada, Waldir José Wandal. — Terceiro grupo — será publicado como incentivo: — Eduardo Venerá dos Santos, Eliana Petri, Elimar Baumgarten, Euclides Eduardo Pereira, Gilvan Müller de Oliveira, Inácio João de Souza, Lilian Ruon, Renato Mauro Schramm, Simon Lisboa e Tânia Novais.

A impressão e encadernação deste novo livro poderá achar-se concluída em princípio de dezembro, quando será marcada a data de seu lançamento festivo na Biblioteca "Dr. Fritz Müller".

Arquivo Histórico

Objetivando preservar, através de divulgação, o conteúdo de documentações antigas que fazem parte do Arquivo Histórico de Blumenau integrado na Fundação "Casa Dr. Blumenau", estamos abrindo, com esta secção, uma nova página de "Blumenau em Cadernos".

A elaboração deste trabalho de pesquisa estará a cargo da professora Sueli M^a Vanzuita Petry, responsável pela manutenção e catalogação do acervo do nosso Arquivo Histórico.

Primeiramente publicaremos transcrições do Livro nr. 1 "Para Registro das Informações e Despachos de Terras" da Câmara Municipal de Porto Belo, onde eram registradas as terras do Vale do Itajaí e regiões vizinhas. Este primeiro livro abrange o período de 1838 a 1843.

A Direção.

Revelações do Arquivo Histórico de Blumenau

(Compilado por Sueli M^a Vanzuita Petry)

"VILA DO PORTO BELO

"A de servir este livro para que nele se registrem as informações e despachos que pedirem sobre terras, vai por mim numerado e rubricado com o meu cognome de Costa e o termo de encaminhamento no fim contendo o número de meias folhas e para constar faço este termo.

Vila do Porto Belo 7 de novembro de 1838.

O presidente
José Ferreira da Costa".

=

REGISTROS E DESPACHOS

— Registro de Antônio Fernando morador em Tijucas pedindo 400 braças de terras de frente com 1500 de fundos, das terras digo nos fundos das terras de Vicente Zurarte.

=

— Desp^o. de S. Exa. Informar a Câmara Municipal do termo que pertence. Palácio do Governo em 21 de março de 1838 — Pordal: — Acordo da Câmara: Informem os Ercos, vindo seus sinais reconhecidos: Porto Belo, com sessão do dia 17 de julho de 1838 — Mafra — Costa — Bitancurt, Garcia, Batista, Medeiros, Rebelo.

=

— Informação dos Ercos — Ilm^o. Sr. da Câmara Municipal: Tendo eu comprado uma porção de terras de sesmarias do falecido Ca-

pitão Zurarte e na escritura me dá ercos pela parte leste e pelo Oeste, e pelos fundos devolutas, o que não só estão nos fundos das que eu comprei, mas também me consta estarem de noventa a mais nos fundos da mesma sesmaria: É o que posso informar a V. S. Tijucas Grandes, 11 de Agosto de 1838 —Manoel Teixeira Brasil.

Estava o sinal reconhecido pelo Sinete de S. Miguel.

=

— Informação da Câmara — Ilmo. Exm^o. Sr. Presidente da Província. A Câmara Municipal da Vila do Porto Belo, em cumprimento ao respeitável despacho de V. Excia., o que posso informar é que a vista da resposta do erco Manoel Teixeira Brasil, julga estarem devolutas as terras de que trata a Petição amigável, quantia de braças a que pede o dito Brasil, e que estas podem conceder ao Suplicante por ser pobre, porém V. Excia. mandará o que for servido: Vila do Porto Belo em sessão do dia 7 de Novembro de 1838 — José Pereira da Costa, Vitorino José de Bitancurt — Joaquim Leal Nunes — José Garcia das Rosas, Bento Vieira Rebello — Silvano José Batista.

=

Registro do Requerimento de Antônio José da Silva, obra dos despachos e informações do registro de Antônio José da Silva, no qual pede a V. Excia. O Governo Provincial, uma parte de terras no Perequê Grande e o de número 30 da 1^a linha e que extrema por nordeste sudoeste com terras do mm^o. Antônio José da Silva.

=

Despacho de S. Excia. — Informa a Câmara Municipal do Distrito: Palácio do Governo em 20 de julho de 1838 — Pordal

=

— Informação da Câmara — Ilm^o. Exm^o. Snr. Presidente da Província — Câmara Municipal da Vila do Porto Belo, em cumprimento do respeitável despacho de V. Excia., o que pode informar a V. Excia. é que a sorte de terras de n^o 30 de que trata a petição, é certo estar no meio das duas sortes de terra de que tratam os documentos juntos, e que foi concedida no tempo desta povoação a Antônio de Araújo, e que este há muito tempo se ausentou desta Povoação, cuja sorte de terras tem estado desocupada, mas agora segundo consta a esta Câmara, Manoel Machado Airoso e Laurindo da Silva foram derrubar em dita sorte de terras. É o que esta Câmara pode informar a V. Excia. que mandará o que for devido. Vila do Porto Belo em sessão do dia 14 de agosto de 1838 — José da Silva Mafra — José Pereira da Costa — Vitorino José de Bitancurt — José Garcia da Rosa — Silvano José Batista — Bento Vieira Rebello — Antônio José de Medeiros.

=

— Despacho da S. Excia. o Gov. Provincial — Volte a Câmara Municipal do Distrito para informar qual dos pretendentes a sorte da terra de n^o 30, a saber, por uma parte o suplicante e por outra Manoel Machado Airoso, e Laurindo da Silva é mais necessitado, tendo a atenção posses e famílias, e qual principiou por primeiro a derrubada

e plantar na dita sorte. Palácio do Governo em 15 de outubro de 1838. Pordal;

=

— Informação da Câmara: Ilmo. Exm^o. Snr. Presidente da Província. A Câmara Municipal da Vila do Porto Belo, em cumprimento ao respeitável despacho de V. Excia. datado de 15 de Outubro deste ano, o que pode informar a V. Excia. é que Laurindo da Silva, e Manoel Machado Airoso o que possuem são dois escravos, porém não têm nenhum palmo de terra e esta Câmara os julga mais necessitados do que Antônio José da Silva; É que Manoel Machado Airoso e Laurindo da Silva foram os primeiros que derrubaram na sorte de n^o 30 de que trata o requerimento junto: É o que esta Câmara pode informar a V. Excia. que mandará o que for servido: Vila do Porto Belo, em sessão do dia 14 de Novembro de 1838 — José da Silva Mafra — José Pereira da Costa — Vitorino José de Bitancurt — José Francisco de Oliveira — José Garcia da Rosa”.

II - VALATA AZAMBUJA:

Aloisius Carlos Lauth

Fundação da «Santa Casa»

Pe. Antônio Eising, o 4^o vigário da Freguesia de Brusque, sentiu a necessidade de aproveitar as oferendas à Nossa Senhora de Caravaggio, mais conhecida por “Madona de Azambuja”, e construir instituições de caridade que beneficia-se a população pobre circunvizinha: um hospital, um recolhimento de pessoas idosas, uma escola paroquial para os menores terem principalmente, a catequese cristã para receberem a Primeira Comunhão. Com estas intenções, escrevera ao seu bispo, em Curitiba, D. José Camargo Barros:



A fachada do Hospital Arquidiocesano, em 1936, criado com a instituição da “Santa Casa”.

“Caso se fizer uma Casa de Misericórdia, o povo ajudaria com muito boa vontade para arranjar as coisas necessárias e estaria muito satisfeito de ver empregadas as esmolas da capela para tão alto fim” (1).

A resposta afirmativa não tardou e, em 1901, reformando uma casa antiga, de um lote recém-comprado, em nome do “PATRIMONIUM BEATAE MARIAE VIRGINIS DE CARAVAGGIO”, pode o capelão recolher os primeiros doentes, ajudado pelo Coadjutor, Pe. José Sundrup. De um recorte do periódico “L'amico”, publicado em Rodeio, encontramos o seguinte:

“Per far buon uso di quelle rendite il Rev. P. Antonio Eising, decise di aggiungere al Santuario uno spedale per ricoverare persone vecchie, ciechi, alienati e invalidi d'ogni sorta, per cui furono comprate intieramente le colonie, in cui oltre le due chiese si trovarono alcune case di coloni, le quali per primo furono modificate per servire così come spedali” (2).

Os dois missionários perceberam a grandeza e a cristandade de se promover a saúde e a cultura deste povo brasileiro, ainda mais no momento em que a República abdicara dos valores da Igreja Cristã. A vida de ambos foi prova de desprendimento do amor próprio em favor do próximo sofredor. Sundrup e Eising devem permanecer na memória desta terra pela singeleza de suas vidas. Aos amigos, na Alemanha, em 1902, a fim de recolher donativos para a obra que estavam idealizando, Pe. José Sundrup escreve:

“Vendo que a pobreza e a necessidade aumentam, por isso é que o Missionário deve ajudar, quanto lhe for possível. Assim, iniciamos, confiantemente, em Azambuja. Maria, Socorro Perpétuo, ajudará. E ajudará por intermédio das pessoas bondosas, que nunca faltarão. Nossos colonos, e não em último lugar os alemães, ajudam fielmente. Faltando os recursos para a maior parte deles, prestam seus serviços trabalhando gratis ou fornecendo madeira, etc.. Assim mesmo, falta tudo ainda: nem sequer o terreno está bem pago” (3).

Foi assim que, a 29 de junho de 1902, inaugurava-se oficialmente, a “Santa Casa de Misericórdia de Nossa Senhora de Azambuja”, com a ajuda dos moradores da freguesia, a dedicação heróica das Irmãs da Divina Providência e a direção dos missionários estrangeiros:

“Na tarde da festa dos príncipes dos apóstolos São Pedro e São Paulo, em 29 de junho de 1902, sendo o Pe. Antônio Eising vigário, Pe. José Sundrup coadjutor, José Höning professor da Escola Paroquial e João Bauer Superintendente da Freguesia de Brusque, em presença de muito povo, três irmãs da Divina Providência, Godeharda, Bárnaba e Friedburga, precedidas pelo Pe. Vicente Wienken, Diretor, foram introduzidas processionalmente na igreja, na sua morada e, com isso, na sua esfera de atividade; foram saudadas na Igreja pelo Revmo. Pe. Vigário, Pe. Eising, e na sua casa pelo Juiz de Direito, Dr. Thiago da Fonseca.

O povo testemunhava seu apoio pela abertura da nova Casa de

Misericórdia oferecendo dádivas para sua manutenção, enquanto que para cuidar das necessidades religiosas, o clero se obrigou a rezar uma santa missa na Igreja de Azambuja, a cada domingo e dia santo de guarda e, fora disso, três vezes por semana, enquanto isso fosse possível. Foi recomendado e muito aconselhado para o futuro, o que, aliás havia sido praticado desde o início, a celebração duma Santa Missa cantada, em honra do Sagrado Coração de Jesus, pelos benfeitores da Casa de Misericórdia de Azambuja" (4).

Uma correspondência de Pe. Eising, logo depois, descreve o lamentável estado de seus 10.000 paroquianos e as condições de necessidades da "Santa Casa", sustentada quase que exclusivamente pelas rendas da festa de maio e a boa vontade dos vizinhos.

Notas: (1) Carta de 8 de outubro de 1899

(2) Recorte do "L'amico", sem data.

(3) Carta de 13 de abril de 1902

(4) "CHRONIK SANTA CASA DER MISERICÓRDIA", Sundrup, p. 1

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excerto do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862:

Notícia de 12 de fevereiro de 1870:

Desterro (Florianópolis). — Na segunda quinzena de fevereiro, entraram em nosso porto os transportes "Galgo", "Vassimão" e "São José", trazendo de regresso os primeiros voluntários da Guerra do Paraguai. O "Galgo" trouxe o 40º Batalhão da Bahia, o "Vassimão" o 17º de Minas Gerais e o "São José" o 53º de Pernambuco. Estes três batalhões formaram uma brigada de mais de mil homens, sob o comando do Coronel Faria Rocha. As tropas desembarcaram em Desterro para gozarem alguns dias de descanso. A recepção proporcionada aos soldados, por parte das autoridades e da população, foi magnífica. Tudo foi feito para tornar-lhes a estada em Desterro inesquecível. No dia 17 realizou-se na Catedral solene Te-déum, seguido de parada na Praça da Presidência e desfile das tropas por diversas ruas da Cidade e em toda a parte foram recebidas com muitos vivas e muitas flores. Neste dia, como durante toda a permanência dos voluntários nesta Cidade, todas as casas continuaram engalanadas e festivamente iluminadas à noite. Bandas de música marcavam pelas ruas, fogos de artifício cortavam os ares e em toda a parte os vencedores eram saudados com discursos entusiasmados, para festejar o seu regresso. Depois da missa solene, rezada num altar armado diante do pórtico da Catedral, na presença de todos os voluntários na manhã do dia 20 de fevereiro,

a brigada continuou a viagem com destino à capital do Império. As 11 horas os voluntários subiram a bordo. No momento em que o último batalhão se preparava para o embarque, o Coronel Faria Rocha tomou a palavra, agradecendo comovido, com lágrimas nos olhos, à população de Santa Catarina, a brilhante recepção e as inúmeras provas de estima e carinho, recebidos pelos seus comandados.

Durante a Guerra do Paraguai o 40º da Bahia e o 53º de Pernambuco, participaram de todos os combates decisivos, desde o Passo da Pátria até Campo Grande, cobrindo-se de glória em todos eles. O 17º batalhão de Minas Gerais participou da marcha ao Mato Grosso, formando uma parte do Corpo comandado pelo Coronel Camisão, Corpo este que passou por terríveis sofrimentos, depois de uma retirada pavorosa do Norte do Paraguai, chegando a Cuiabá com os seus soldados esfaimados e seminus. Mas, apesar de todas as tremendas dificuldades, o batalhão trouxe de volta, incólume, a sua Bandeira.

O Comandante desses batalhões, Coronel Faria Rocha, também é digno de nossa admiração. Além de sua coragem, demonstrada no campo de batalha, provou ainda o mais profundo sentimento de solidariedade humana, para com a infeliz população do Paraguai. Foi ele o fundador de um asilo em Assunção, para mulheres e moças, a fim de protegê-las da miséria e da vergonha e muitas daquelas pobres abandonadas lhe devem a sua salvação. Um fato ocorrido durante a sua permanência em Desterro, demonstra o nobre sentimento daquele oficial. Por ocasião de uma parada sob o seu comando, aproximando-se da rua Fernando Machado, assim denominada em homenagem ao catarinense, Coronel Fernando Machado, morto na guerra do Paraguai, o Coronel Faria Rocha arrancando o seu quepe, gritou: "Companheiros — Alto! Esta rua simboliza em seu nome um herói do Exército Brasileiro. Companheiros! Reverenciemos o nome do Herói Fernando Machado! Descobertos e em silêncio, a passo!" — E os soldados todos, de cabeça descoberta e em silêncio, atravessaram, em marcha lenta, a rua Fernando Machado. —

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

Banco do Estado de São Paulo SA

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972
Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74
Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425
89100 B L U M E N A U Santa Catarina
Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

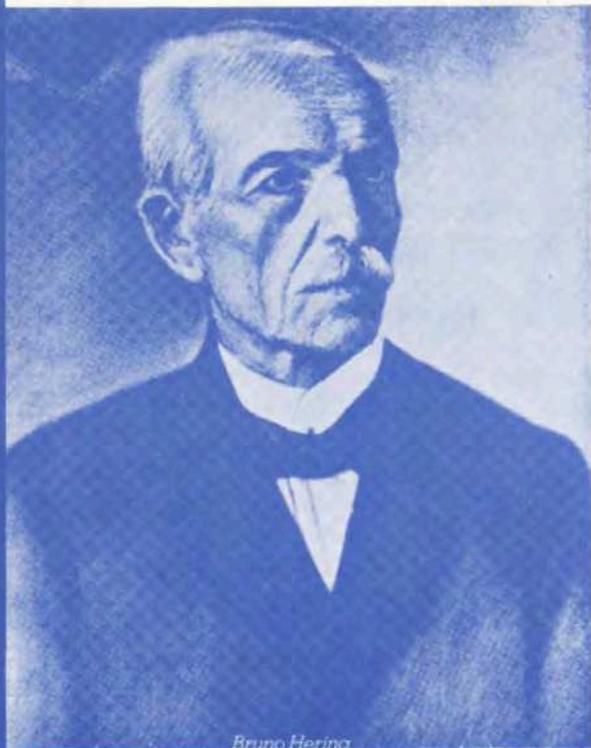
Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf - advogado*; vice-presidente — *Rolf Ehlke - Industrial*.

Membros: *Elimar Baumgarten, advogado; Honorato Tomelim, jornalista; Ingo Fischer, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; Altair Carlos Pimpão, jornalista; professor Antônio Boing Neto; Arno Letzow, comerciante; Beno Frederico Weiers, advogado; Heinz Hartmann, repres. comercial; Prof. Olívo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

Apresentamos os dois peixinhos da Hering.



Bruno Hering



Hermann Hering

Eles estão fazendo 100 anos.



No ano de 1880, em Blumenau, os irmãos Bruno e Hermann fizeram uma malha de algodão confortável, macia e muito resistente. Desenharam nela um símbolo com dois peixinhos: dois arenques - hering, em alemão.

Em pouco tempo, o pessoal da região estava pedindo as malhas dos irmãos Hering. Eles haviam descoberto que aquelas malhas eram ideais para o clima do país e agüentavam firme o trabalho duro no campo.

100 anos depois, a etiqueta dos dois peixinhos está por aí vestindo todo mundo. Virou moda e foi adotada pela juventude.

É verdade que para conquistar este lugar foi preciso atravessar um século difícil. Muitas vezes os peixinhos tiveram que nadar contra a corrente, enfrentando crises que pareciam insuperáveis, mas que, num balanço final, só conseguiram provocar uma coisa: soluções.

Outra verdade é que os primeiros 100 anos são os mais difíceis.

E hoje é o primeiro dia do centenário da Hering. Nós achamos que esta data merece ser comemorada.

Senhoras e senhores, com vocês, uma idéia que está dando certo há 100 anos: malhas Hering. Sutra 1880.



1980 - Ano do Centenário da Hering.